
Céus de tintas e palavras Van Gogh, Mallarmé, Magritte

Mônica Genelhu Fagundes*

Recebido em 30 de março de 2009/ aprovado em 12 de abril de 2009

Do tempo ahistórico do mito à era tecnológica dos telescópios de longo alcance, o céu estrelado tem sido visto e representado de modos diversos, e a ele têm sido atribuídos múltiplos sentidos. Para os artistas modernos aqui estudados, porém, a sua imagem é mais do que um mero tópico pictórico ou literário: ela se torna uma alegoria de seu esforço de capturar o mundo e seu significado em imagens e palavras, e um símbolo da arte como utopia do real.

imagem; mimesis; utopia; intersemiosis

Olhando por sua janela para muito além dos muros cerceadores, ainda que baixos, do hospício de Saint-Paul-de-Mausole, Van Gogh pintou sua *Noite estrelada*, paisagem de liberdade desejada por um olhar de pintor que, unido à operação física da luz e da retina um trabalho de memória e imaginação, torna-se capaz de transporte e transfiguração. Obra de metáfora, que no quadro se faz notar na imagem de uma noite que já não é aquela de maio de 1889 em Saint-Rémy, mas mais e menos do que ela: não sua verdade exata, realidade inapreensível, mas um amálgama fantástico de ciprestes e fogo, névoa e espuma, vento e ondas, céu e mar, em que são ainda perceptíveis os gestos do pincel, marcas da ação deslocadora do pintor sobre o real, ou rastros de sua aspiração a ele.

Fazendo surgir, acima do pacato povoado provençal – espaço conhecido, doméstico – um céu como mar revolto a querer precipitar-se sobre a terra, os traços deixados pelas pinceladas de Van Gogh parecem guardar o impulso enérgico de uma busca, ânsia de conquista, todavia frustrada. Desenham ondas, círculos, espirais, que, se nos permitir a fantasia, parecem querer cercar objetos, agarrá-los, apropriar-se deles, moldar-se neles. E restam, porém, imperfeitos,

* Patricia Franca é artista plástica e pesquisadora. Ensina na Escola de Belas Artes da UFMG em Belo Horizonte. Seu trabalho e sua pesquisa versam sobre a imagem fotográfica e seu confronto com a pintura, a história e a antropologia do visual. Atualmente é pesquisadora na Universidade de Paris III, na França, no CRECI, Centre de Recherche em esthétique du cinéma et de l'image.

incompletos, como os anzóis sem peixes (ou estrelas) que se lançam no centro da tela. Se puderem fisgar sua presa, talvez se transformem – neste quadro em que tudo parece estar a se fazer e desfazer – em globos como os que envolvem as estrelas, e que, no entanto, já estão, eles mesmos, a se dissolver no ar de fios azuis, assim como a garra que tão bem prendera a lua está a se tornar redemoinho e a deixá-la escorregar em espirais.

Se deixarmos que a pintura nos conte esta pequena fábula, ela decerto parecerá menos uma representação da noite provençal do que uma encenação do trabalho de um pintor a tentar capturar formas, ou da aventura de um caçador atrás de estrelas arredias.

As estrelas são assim, e também as formas. Para Georges Bataille, elas não são mais do que uma *materialização do trabalho do informe*, estruturas tensas, ameaçando abrir-se à sua própria dissolução.¹ As ondas, círculos e espirais de *Noite estrelada* cumprem perfeitamente este trabalho de formações provisórias, à beira da decomposição. Imperfeitas, incompletas, elas são *quase* estrelas, *quase* lua, *quase* céu: parecem ocupar um nível intermediário na articulação da cena pintada: entre a definição de objetos já nomeáveis (como as casas do povoado e a torre da igreja) e a indeterminação de elementos que ainda nada significam. Estão a caminho, a meio caminho e não o disfarçam.

Não são reais as estrelas de Van Gogh, nem o querem ser. Preservam e revelam, na sua diferença, sua índole – abençoada e maldita – de imagem: potência de sugestão, encenação de uma ausência, propensão à alteridade. A meio caminho entre a forma e a dissolução, a frustração de não poderem ser o que mostram e a compensatória liberdade de, não sendo nada, poderem *quase* ser muitas coisas, numa frágil posse que não existe sem sua contraparte de perda, encenada no produto final: traço, evocação à distância, objeto dialético (Walter Benjamin diria *aurático*) em que presença e ausência estão em tensão.

Jogo praticado no “pega-pega” de astros da tela de Van Gogh e nos dados a rolar pelas páginas de um poema de Mallarmé: aposta crucial com o acaso em que os próprios signos se arriscam como vicários referentes, e as palavras – também elas formas a meio caminho – encenam naufrágio e constelação. Um novo espaço se abre em *Un coup de dés*, publicado pela primeira vez em 1897: a própria extensão das páginas que, na duração do poema, serão fictícios mar e céu, alegórico cenário do drama cósmico do homem diante de seu destino. Experiência limite a que o poeta faz corresponder uma forma limite – aberta e cíclica, auto-reflexiva, tensa em sua estrutura –, única capaz de traduzi-la e de, talvez, dar-lhe uma possível solução.

A esta forma inovadora Eugen Gromrich chamou poema-constelação, tendo em mente a disposição esparsa dos versos pela página, em oposição à sua sucessão linear no poema tradicional. Aproveitando propriedades do poema em prosa – como a fluidez e a flexibilidade rítmica – e do verso livre – com sua mobilidade e sua potência fragmentária –, expandindo-as e intensificando-as, Mallarmé criou um poema realmente revolucionário, cujas unidades de composição já não são os versos, mas a página dupla, que os põe em relação. Relação não unívoca, já que o poema permite certa flexibilidade de ordenação, valendo-se de uma variação dos tipos de impressão. A exploração deste e de outros recursos visuais, tais como a distribuição da mancha gráfica e os espaçamentos, promove, no corpo do texto, um encontro de poesia e artes visuais, a partir do qual se tornará possível também um intercâmbio com a música. Poema-sinfonia, *Un coup de dés* assume forma e propriedades de uma partitura em que se sobrepõem e convergem, retomando-se, linhas melódicas diversas – definidas pelo uso dos tipos gráficos diferentes – à maneira de uma fuga, ouvida entre as pausas impostas pelos “brancos” da página.

- Céus de tintas e palavras Van Gogh, Mallarmé, Magritte

René Magritte
A página em branco, 1967,
litogravura, 43,5 x 52 cm.
Fonte : <<www.galleryofsurrealism.com>>



Coreografia de palavras ao som de um ritmo por elas mesmas dado, o poema se cria como um balé de signos, estrutura dinâmica impressa numa mancha gráfica que sugere e desmancha formas, respostas possíveis de dados lançados – constelação ou naufrágio, imagens que surgem como miragens, entrevistas ou imaginadas no campo de hipótese, ou de quimera, produzido por um lance ao acaso. Jogo de aleatórias e múltiplas possibilidades, todas virtualmente concretizáveis – e vislumbradas mesmo, ao menos na vertigem daquele que se arrisca e aposta – que Mallarmé traduz em composição poética. Melhor do que qualquer outra forma, o poema-constelação, em sua fragmentária precariedade provisória, parece capaz de representar esta incerta realidade que num instante se propõe e logo se desfaz. Na abertura tensa de sua estrutura, ele abriga um feixe de formas, imagens e sentidos, articulando-os e fazendo-os conviver, não querendo ser, como disse Benjamin sobre constelações e estrelas, “nem seu conceito nem sua lei”², mas uma ordem que comporta, que supõe mesmo, o acaso, a desordem. A partir deste paradigma se constrói *Un coup de dés*, poema que, segundo Haroldo de Campos, não postula “a abolição do acaso, mas a sua incorporação, como termo ativo, ao processo criativo”³. Mais do que metáfora, o jogo de azar, como um tanto equivocadamente se diz em português, se faz, então, método.

Ressoa aqui, ao pé do ouvido, a emblemática fórmula do *Salut* (“Brinde”) de Mallarmé: *Solitude, récif, étoile* (“Solidão, recife, estrela”), eixo da obra de um poeta que, empenhado no projeto utópico de um livro que acolhesse o universo, sabe que o recife é tão necessário quanto o é a estrela, que é indispensável a ela como o naufrágio à constelação, a carência ao desejo, o fracasso à utopia. Inferência dialética a que faz jus a forma cíclica de *Un coup de dés*, bem como o movimento em curso – espécie de gênese de um céu – capturado em *Noite estrelada*, e o estatuto das imagens que povoam a tela e o poema. De tinta ou palavras, elas se reconhecem imagens na memória tracejada do pincel de Van Gogh, na meticulosa disposição que lhes confere Mallarmé, fazendo uso do que têm de justamente mais material: sua forma gráfica – para fazê-las evocar outra coisa. Por meio deste artifício, que mais tarde seria inspiração de toda a poesia concreta, o poeta vai ludibriar aquela que julgava ser a maior deficiência das línguas. Segundo Blanchot,

Depois de ter lamentado que as palavras não fossem “materialmente a verdade” (...), Mallarmé encontra nesta deficiência das línguas aquilo que justifica a poesia; (...) Qual é esta deficiência? As línguas não têm a realidade que elas exprimem, permanecendo estrangeiras à realidade das coisas.⁴



Stéphane Mallarmé
“Un coup de dés”

Fonte: Mallarmé, S. (2003) *Igitur, divagations, Um coup des dès*. Paris : Gallimard.

Alheias a esta realidade, as palavras poderiam apenas evocá-la à distância. Em *Un coup de dés*, porém, estão um passo à frente: já não evocam simplesmente; encarnam, encenam, tornam visíveis, sem obliterar-lhes a natureza de índices, traços – a vela de uma nau, o espocar de uma constelação. Desenho feito do grafismo de vocábulos que ainda não retêm a realidade, mas a refletem numa espécie de espelho mágico que não somente a reproduz, mas a recria; superfície que são as próprias páginas em que se imprime o poema, espaço fantástico que se pode metamorfosear ao sabor das metáforas e se tornar a mesa de jogo sobre a qual se lançam dados, o mar revoltado em que naufraga um navio, um céu à noite. Fictícios e provisórios cenários, fragilmente sugeridos no contraste dos tipos negros com o fundo branco da página, imagem em negativo de um céu estrelado, ato de um poeta que, na turbulência de um fim-de-século que trazia tantas e imensuráveis transformações, assume o risco necessário do naufrágio e compactua com o acaso em busca de uma constelação.

Não é um desejo de certeza, de resposta o que move Mallarmé. Seu construtivismo racionalista não segue a orientação positivista que definira os caminhos de certa ciência e de certa arte da segunda metade do século XIX. Outra coisa almejava. Uma ordem de outra espécie, cuja busca o irmana ao louco e apaixonado Van Gogh, de um olhar penetrante, escrutinador e determinado que conhecemos de tantos autorretratos. O que buscavam? Uma utopia de conhecimento e criação de que temos o mais valioso legado. Não o resultado obtido, o definitivo sucesso, mas o empenho em exercício, a preservação do gesto, gravado como memória ativa em telas como *Noite estrelada* e poemas como *Un coup de dés*. Obras de uma época que conhece a



Vincent Van Gogh
Noite estrelada, 1889, óleo sobre tela, 73,7 x 92,1 cm.
Fonte : Metzger, R. E Walther, I. F. (2003) Van Gogh. Colônia: Taschen.

incerteza, a vertigem e a paixão temerária pelo novo. Ambas consideradas ensaios: processos e não produtos; trabalhos em curso, representações de um movimento continuado que passa pelo naufrágio para quase se cumprir em constelação.

“Escrituras do desastre” (na expressão de Blanchot), a tela de Van Gogh e o poema de Mallarmé se fazem entre o silêncio e a voz, o vazio e o traço, a forma e sua dissolução para sugerirem, por fim, frágeis e provisórios céus com pincéis e palavras desenhados: obras do desejo humano, que deixa de buscar estrelas nas alturas para recriá-las, decaídas, sobre a página ou sobre a tela.

Recordando a primeira impressão que lhe deixou *Un coup de dés*, escreve Paul Valéry: “O conjunto me fascinava como se um asterismo novo se propusera no céu; como se enfim tivesse aparecido uma constelação que significasse alguma coisa”⁵. Ensaio de decifração do *alfabeto sideral*, o poema faz de sua própria forma molde de constelação capaz de se apropriar

de sua imagem e traduzi-la em sentido. Na composição se consuma, assim, a operação de uma mimese invertida: ser relegado à contingência, ao acaso, ao determinismo misterioso dos astros, o poeta se faz aí autor de seu destino, criador de uma constelação que, decaída embora, é obra de sua vontade insubmissa, que busca “elevar enfim uma página à potência do céu estrelado”, como conclui Valéry.⁶

Em uma tela de 1967, intitulada *La Page Blanche (A Página em Branco)*, Magritte presta uma homenagem a Mallarmé criando uma imagem visual de sua utopia poética e cósmica. Folhas caídas, que, no campo das associações surrealistas tão caras a Magritte, remetem a folhas de papel, parecem dispostas cuidadosamente ao acaso no céu da pintura, como num chão de outono. Formam uma estranha e vicária constelação de gigantescas proporções que encobre ou ofusca as “verdadeiras” estrelas (inexistentes ou reduzidas a pontinhos brancos quase invisíveis contra o azul do fundo da tela), mas não a lua cheia – que é, porém, vazia: espaço em branco – no centro do céu. Neste vazio que significa – forma a sustentar uma perda –, repousa, já aponta o título mallarmeano, o sentido da composição de Magritte, tão afeito, ele próprio, a imagens reflexivas que fossem lugar de pensamento: imagens dialéticas, como as chamaria Benjamin, que se fazem críticas de si mesmas. (Pensemos, por exemplo, em *La trahison des images (Ceci n’est pas une pipe) – A traição das imagens (Isto não é um cachimbo)* – a denunciar seu engano, sua *traição*, incorporando em sua forma a confissão de seu estatuto de imagem.) É vazio de lua o círculo branco que evoca o astro, são vazias de estrelas as folhas pintadas no lugar das constelações: imagens que, como aquelas de *Un coup de dés*, evocam coisas que não chegam a ser, formas a meio caminho que se reconhecem intermediárias e utópicas, signos de trabalho honesto e humano.

Astros prestes a se agarrar na tela de Van Gogh, estrelas ao rés-da-página do poema de Mallarmé, folhas reerguidas ao firmamento na pintura de Magritte: telas e poema que nos contam histórias de humana ousadia e nos dão a ver imagens de céus possíveis, feitos à mão humana. Outros, novos céus: não o pátio sagrado das religiões, não o cenário das explosões de gases que a ciência estuda, não o firmamento que paira todas as noites sobre a terra, nem aquele que, segundo os astrólogos, nos determina os caminhos: estes, Mallarmé o sabia, estão vazios. O que resta a buscar – a criar – é um céu como utopia humana e impossível. Obra de gênios que, na verdade inalienável de sua arte, registram não um cenário conquistado, produto final de uma obra terminada, mas ação em curso, ato poético a se fazer, em busca,

fracasso, impulso sempre reanimado. Menos o céu que seu desejo.

*Mônica Genelhu Fagundes é Doutora em Ciência da Literatura (Literatura Comparada) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Desenvolve pesquisa sobre a relação texto/imagem na obra do escritor argentino Julio Cortázar.

Notas

1 As reflexões de Bataille sobre o *informe* encontram-se dispersas em seus textos de contribuição à revista *Documents*. (Bataille, 1968)

2 Benjamin, 1984, p.56.

3 Campos, 1987, p. 190.

4 «Après avoir regretté que les mots ne soient pas ‘matériellement la vérité’ (...), Mallarmé trouve dans ce défaut des langues ce que justifie la poésie; (...) Quel est ce défaut ? Les langues n’ont pas la réalité qu’elles expriment, étant étrangères à la réalité des choses.» (Blanchot, 2005, p.40) Tradução nossa.

5 «L’ensemble me fascinait comme si un astérisme nouveau dans le ciel se fût proposé; comme si une constellation eût paru qui eût enfin signifié quelque chose.» (Valéry, 1998, p.195)

6 «élever enfin une page à la puissance du ciel étoilé» (Valéry, 1998, p.199)

Referências

Bataille, G. (1968) *Documents*. Org. Bernard Noël. Paris : Mercure de France.

Benjamin, W. (1984) *Origem do drama barroco alemão*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense.

———. (1994) *Charles Baudelaire, um lírico no auge do Capitalismo*. (Obras escolhidas, v. 3) Trad. Trad. José Carlos Barbosa e Hemerson Alves Baptista. São Paulo: Brasiliense.

Blanchot, M. (1980) *L’écriture du désastre*. Paris: Gallimard.

———. (2005) *L’espace littéraire*. Paris: Gallimard.

Campos, H. de. (1974) *Lance de olhos sobre “Um lance de dados”*. In: Mallarmé, S. Mallarmé. (Org. e Trad. Augusto de Campos, Décio Pignatari e Haroldo de Campos) São Paulo: EDUSP; Perspectiva.

Didi-Huberman, G. (2003) *La ressemblance informe ou le gai savoir visuel selon Georges Bataille*. Paris : Macula.

Friedrich, Hugo. (1978) *Estrutura da lírica moderna*. Trad. São Paulo: Duas Cidades, 1978.

Mallarmé, S. (2003) *Igitur, divagations, Um coup des dè*. Paris : Gallimard.

Valéry, P. (1998) *Variété I et II*. Paris: Gallimard.